



CONSTRUÇÃO DE TRAJETÓRIAS 'DESVIANTES' DE DESENVOLVIMENTO RURAL: ONDE SE ESPERAVA ENCONTRAR O SIMPLES, DEPARA-SE COM O COMPLEXO

MEDEIROS, Monique

Estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Agroecossistemas/UFSC
mmedeiros@ymail.com

CAZELLA, Ademir Antonio

Professor do Programa de Pós-graduação em Agroecossistemas/UFSC
acazella@cca.ufsc.br

79

RESUMO

Percebendo as limitações de um modelo de desenvolvimento pautado na lógica da 'Revolução Verde', nas últimas décadas, pesquisas e ações de diversas organizações vêm enfatizando a importância da interação do conhecimento local com os conhecimentos advindos da tecnociência, o que vem possibilitando um novo olhar sobre a atuação de distintos atores sociais em rearranjos nas relações socioeconômicas e em reinvenções técnicas no rural. Esse olhar, orientado por uma tomada de consciência da complexidade epistemológica dos processos de aprendizagem e de ação social, é o que direciona o objetivo desse artigo que é discutir a importância da interdisciplinaridade e da compreensão de complexidade na construção de uma pesquisa em andamento no Sul do Brasil, a qual vem indicando transformações sociotécnicas que estão desencadeando uma nova dinâmica de desenvolvimento rural que inter-relaciona múltiplos conhecimentos na construção de redes de cooperação.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Inter-relação de conhecimentos. Novas dinâmicas de desenvolvimento rural.

ABSTRACT

Realizing the limitations of a development model founded on the logic of the 'Green Revolution' in recent decades, research and activities of various organizations have emphasized the importance of the interaction of local knowledge with the knowledge derived from technoscience, which has enabled a new look about the performance of different social actors in rearrangements in socioeconomic relations and techniques reinventions in rural. That look, guided by an awareness of the epistemological complexity of the processes of learning and social action, is what drives the objective of this article which is to discuss the importance of interdisciplinarity and understanding of complexity in building an ongoing research in South Brazil, which is indicating socio-technical transformations that are causing a new dynamic of rural development that interrelates multiple expertise in building networks of cooperation rural.

Key-words: Interdisciplinarity. Interrelatedness of knowledge. New dynamics of rural development.



BREVE INTRODUÇÃO

O acelerado progresso tecnocientífico que vem sendo desencadeado no mundo, mais intensamente a partir do século XX, resulta gradativamente em uma maior fragmentação e especialização do conhecimento científico e da sua aplicação. Tal fragmentação favorece um preocupante distanciamento entre tecnociência^a e filosofia, o que resulta em significativos problemas éticos para a sociedade. Esses problemas ocorrem, na maioria das vezes, por não serem indagados racionalmente os fins que uma determinada tecnologia ou ciência se propõe a alcançar. Com o distanciamento entre a filosofia e a tecnociência, corre-se o risco de pensar unicamente em eficiência e produtividade como fins, desconsiderando-se aspectos imprescindíveis à sociedade, como a ética, a moral e a política (AGAZZI, 1996).

As transições tecnológicas pelas quais estamos constantemente passando, são muito mais direcionadas por interesses, criatividade e poder humanos do que imagina o senso comum, entretanto, as tecnologias vêm alterando, de maneira ambígua, o modo de viver da nossa sociedade. Tais transições não se referem simplesmente a mudanças nas estruturas técnicas, mas sim nas estruturas sociotécnicas como um todo, que inter-relacionam realidades materiais, sociais, simbólicas e institucionais inseridas em padrões que abrangem distintos níveis (PLOEG *et al.*, 2004). Dessa forma, as novas oportunidades oferecidas pelo desenvolvimento tecnológico à humanidade podem tanto favorecê-la em seu desenvolvimento, quanto prejudicá-la.

Na busca por respostas cada vez mais detalhadas e específicas voltadas à eficiência, a tecnociência acabou rotulando os saberes “não científicos”, como saberes não ajustáveis às normas paradigmáticas da ciência moderna (POMBO, 1993). Mais especificamente no espaço rural, o pacote tecnológico difundido juntamente com o avanço do processo de modernização

^a Conceito utilizado na comunidade interdisciplinar de estudos de ciência e tecnologia para designar o contexto social e tecnológico da ciência. De acordo com Latour (1987), a tecnociência desenvolve-se pela progressiva construção de fatos científicos cuja verdade ou adequação é dada como certa para os que as utilizam como ponto de partida para outros estudos. Este termo "tecnociência" foi criado pelo filósofo belga Gilbert Hottois em fins dos anos 1970 e é bem usual nos textos do filósofo francês Bruno Latour.



da agricultura, bastante associado à chamada ‘Revolução Verde’^b, foi formulado em centros de pesquisa onde as prioridades eram definidas sob a influência de interesses das corporações e do setor agroindustrial, privilegiando métodos e critérios de validação que se restringiam a situações de laboratório. Isso, ao mesmo tempo em que favoreceu um número diminuto de famílias do campo, resultou em intensas desigualdades sociais e regionais nos países em desenvolvimento.

À medida que os pacotes tecnológicos foram valorados como único caminho eficaz para o desenvolvimento no campo, o mundo foi sendo explicado por respostas que esquecem ou negam que os valores e verdades se multiplicam, sobrepõem-se uns aos outros, se relacionam todos ao mesmo tempo, em um todo multifacetado (COSTA e TAINO, 2011).

Como contraponto à crença em uma verdade absoluta, nas últimas décadas, tem proliferado e ganhado espaço a ideia da valorização dos conhecimentos locais como parte das estratégias para o desenvolvimento social. Essas mudanças, nem sempre consensuais, podem ser verificadas nos campos de pesquisa das ciências humanas, assim como na ação de diversas entidades ligadas ao desenvolvimento social (organizações governamentais e não governamentais, agências nacionais e internacionais de fomento e de financiamento).

Esse contraponto surge do reconhecimento de que não existe uma verdade que explique todas as questões do mundo e que cada ser percebe o mundo de um modo diferente e reage a ele de sua forma, reivindicando uma “reconciliação epistemológica” entre os distintos conhecimentos fragmentados pelos processos tecnocientíficos (MORIN, 1996).

Tal reivindicação fundamenta-se na percepção de que o todo não é somente a soma das partes, mas que cada parte contém em si mesmo o todo, a complexidade (MORIN, 1996). E compreende que, dessa maneira, a especialização deve ser complementada, ou mesmo em alguns casos substituída por uma compreensão interdisciplinar capaz de dar conta das configurações, dos arranjos, das perspectivas múltiplas que a ciência tem que convocar para o conhecimento mais aprofundado dos seus objetos de estudo. É nessa nova situação

^b Revolução Verde refere-se a um conjunto de tecnologias disseminadas a partir da década de 1950-60, que permitiu um aumento na produção e produtividade agrícola com base no uso crescente de insumos modernos, com destaque para variedades vegetais de alta produtividade, fertilizantes químicos e agrotóxicos, além da intensificação da mecanização.



epistemológica que se têm construído novas práticas e ações de investigação interdisciplinar. Nessas novas construções, a interdisciplinaridade se apresenta como uma tomada de consciência da complexidade epistemológica dos processos de aprendizagem e ação social (POMBO, 2007).

Tais práticas, que dizem respeito, mais especificamente, a um conjunto das relações epistemológicas entre as ciências humanas, configuram não uma teoria ou um método novo, mas uma articulação estratégica de várias disciplinas voltada à compreensão, interpretação e explicação de temas complexos (MINAYO, 2010).

A interdisciplinaridade e a complexidade nos desafiam para o exercício de um olhar diferenciado que compreende que o conhecimento se edifica de maneira intersubjetiva na leitura de problemas complexos. Isso ratifica a necessidade da reaproximação entre tecnociência e filosofia, através de uma reflexão crítica sobre os marcos conceituais e as bases epistemológicas que podem impulsionar a prática da interdisciplinaridade não somente em princípios teóricos mais aprofundados e mais bem fundamentados, como também em princípios metodológicos e práticos (PHILIPPI JR, 2000).

Direcionadas por essas preocupações, propostas recentes, que objetivam desencadear novas dinâmicas e processos de desenvolvimento de sociedades, vêm sendo construídas em oposição às ideias fragmentares de tecnociência. Com isso, têm ganhado espaço investigações e projetos interdisciplinares que enfatizam a necessidade de valorização dos conhecimentos locais, como parte das estratégias para compreensão e melhoria de problemas sociais complexos.

Pesquisas e ações de diversas organizações vêm enfatizando, gradativamente, os resultados da interação do conhecimento local com os conhecimentos advindos da tecnociência. Esse processo possibilita um novo olhar sobre a atuação de distintos atores sociais na transformação de realidades desde a esfera local à internacional, bem como do espaço rural ao urbano. Esse olhar abrange o surgimento de adaptações e rearranjos em relações sociais e de trabalho, de novas formações de sentido e de reinvenções de técnicas e tecnologias.



Neste âmbito, esse artigo reúne algumas reflexões em torno da importância da interdisciplinaridade e da compreensão da complexidade na construção de uma pesquisa essencialmente qualitativa que vem se desenvolvendo no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Ele se enquadra no bojo de uma tese de doutorado que vem sendo construída, desde agosto de 2013, junto ao Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas (PPGA), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Essa tese busca identificar e analisar dinâmicas sociotécnicas que fortalecem ou atravancam a 'produção de novidades' na agricultura, envolvendo aspectos relacionados à participação dos atores sociais e à governança dos processos de transição em curso. Para tanto, evidencia-se as capacidades e prioridades dos agricultores familiares da região, colocando os conhecimentos locais entre os elementos-chave na formulação de alternativas produtivas sustentáveis ao meio onde as comunidades estão inseridas.

Este artigo apresenta delineamentos da pesquisa, bem como alguns apontamentos de resultados preliminares, oriundos também de análises prévias ao início da construção da tese, que foram possibilitadas pelas atividades desempenhadas pela autora durante seu vínculo como extensionista rural na Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural/Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (EMATER/ASCAR – RS) na região pesquisada, entre agosto de 2011 e agosto de 2013.

Além desta introdução, o artigo compreende cinco partes. Na primeira, são enfatizadas as potencialidades da 'produção de novidades' na condução de transições sociotécnicas orientadas ao desenvolvimento sustentável; na segunda, são apresentadas as perspectivas teóricas interdisciplinares que vêm possibilitando um melhor entendimento das realidades complexas compreendidas na pesquisa; a terceira parte expõe as escolhas metodológicas do trabalho; na quarta parte são mostradas algumas percepções e resultados preliminares da investigação em andamento; e por fim, na quinta parte, algumas conclusões do artigo indicam que, por meio de um olhar interdisciplinar que compreende a complexidade das realidades analisadas, verifica-se a construção de trajetórias 'desviantes' de desenvolvimento rural na região analisada.



A IMPORTÂNCIA DA 'PRODUÇÃO DE NOVIDADES' NA CONDUÇÃO DE TRANSIÇÕES SOCIOTÉCNICAS

A chegada da modernização ao campo é vivenciada diferentemente pelos diversos grupos sociais ali presentes. Os conhecimentos autóctones, que pareciam fadados ao desaparecimento em função da especialização tecnocientífica proposta pelo processo modernizante transformam-se, acomodam-se e geram heterogeneidades importantes. Os agricultores, nos mais variados contextos, criativamente dão forma aos padrões de desenvolvimento. Isso implica que, ainda contando com recursos restritos e opções limitadas, eles não são simplesmente receptores passivos de iniciativas de planejamento e de intervenção social, econômica e tecnológica. Abre-se com este pressuposto a possibilidade de considerar que diferentes agricultores, ou categorias de agricultores, orientam-se por diversos interesses, objetivos e experiências para desenvolver tais projetos.

O repensar do papel dos agricultores, tanto na pesquisa quanto na experimentação prática, bem como na criação de políticas públicas, passa pelo entendimento de que são relevantes suas iniciativas, muitas vezes autônomas, que acabam por incidir diretamente na configuração do espaço social e material, provocando readaptações, recriações e transformações no espaço rural. Esse cotidiano de trabalho, que coloca diversos saberes e conhecimentos em 'situações de interface'^c, provoca o estabelecimento de processos de negociações e adaptações de significados, gerando conhecimentos diferenciados resultantes de acomodações entre os diferentes 'mundos' dos atores envolvidos, sejam eles mediadores sociais, agricultores, gestores públicos, dentre outros.

Considerando a riqueza e dinamismo destes processos, cria-se um cenário onde estão imersas constantes transformações do espaço rural e das práticas nele desenvolvidas. Assim, é esperado que haja condições sociotécnicas favoráveis à "Produção de Novidades"^d na agricultura. Este termo-chave foi proposto a partir da necessidade de particularizar ou

^c As situações de interface são definidas como pontos críticos de intersecção entre diferentes sistemas, campos ou domínios sociais, nos quais tendem a se encontrar descontinuidades segundo diferenças de valores e interesses (LONG e PLOEG, 1989).

^d Originalmente denominado *Novelty Production*.



evidenciar fenômenos ‘inovadores’ em curso nos espaços rurais, que designa que uma novidade pode ser entendida como uma modificação ou uma quebra em rotinas existentes, assim como pode consistir em uma nova prática ou modo de fazer, presumivelmente com potencial para promover melhorias nas rotinas existentes (PLOEG *et al.*, 2004). A produção de novidades não representa apenas aquelas relacionadas ao processo produtivo, pois pode estar relacionada com formas de organização da produção e com a criação e consolidação de dispositivos coletivos e arranjos institucionais.

A produção de novidades que vem ocorrendo com distintos graus de suporte institucional, pública ou da sociedade civil organizada comumente não é percebida pelo regime sociotécnico^e hegemônico. Significativa parte da diversidade de trajetórias que se opõe ao modelo predominante, construída por ações e práticas de diferentes atores, ainda necessita ser mais estudada e analisada. O conhecimento aprofundado de sua expressão social, ambiental e econômica é capaz de promover a compreensão de suas potencialidades nas transições sociotécnicas orientadas ao desenvolvimento sustentável. Essencialmente entendida como um processo sequencial de aprendizagem, a transição está relacionada à ação social e às práticas dos atores construídas ao nível local. Todavia, nas interfaces com níveis intermediário e macro é que residem os maiores desafios, inclusive, os analíticos.

Tendo claro que essas dinâmicas são fundamentalmente dependentes das condições do meio físico e dos repertórios culturais associados, a elaboração deste trabalho tem por base um recorte empírico que compreende o Litoral Norte do Rio Grande do Sul, mais especificamente os municípios de Três Forquilhas, Terra de Areia, Itati, Osório, Maquiné e Dom Pedro de Alcântara. Nessa região é possível analisar transformações sociotécnicas que estão desencadeando uma nova dinâmica de desenvolvimento rural, que busca desconstruir o ‘convencional’ na medida em que inter-relaciona diversos atores sociais na construção de redes de cooperação.

^e Entende-se por Regime Sociotécnico o conjunto de regras, pactuadas por um segmento social, que orienta todo um complexo do conhecimento científico, instituições, infraestruturas e organização social envolvido em práticas tecnológicas (KEMP, *et al.* 1998).



A ABORDAGEM MULTI-NÍVEL, MULTI-ATOR, MULTI-ASPECTO E A COMPREENSÃO DE REALIDADES COMPLEXAS

A análise de inter-relações em diferentes níveis da ação social costuma focar apenas regras e procedimentos, expondo, por exemplo, as maneiras pelas quais elas moldam o trabalho das organizações (LONG, 2001). Para além do estudo dos desenhos organizacionais, a interação entre tecnologia e sociedade será melhor analisada se for tomada uma abordagem multi-nível, multi-ator e multi-aspecto, sendo que o nível micro (ou nicho) é considerado o *locus* principal da mudança de regime (MOORS *et al.*, 2004) A Perspectiva Multinível corresponde a uma abordagem interdisciplinar, influenciada pelos evolucionários da teoria econômica, pela teoria institucional e pela teoria da estruturação de Giddens (1984).

A essência dessa abordagem parte do pensamento de que os diversos processos de inovação e as escolhas tecnológicas do nível local acumulam-se de tal forma que acabam por constituir-se como desenvolvimento tecnológico ao nível de sociedade. É nesse sentido que compreender melhor as dinâmicas ao nível local se torna promissor, pois essas dinâmicas podem transformar os regimes quando redes sociais crescem o suficiente para pactuar regras estáveis e restritivas (GEELS e SCHOT, 2007). No entanto, Moors *et al.* (2004) chamam a atenção para o fato de que as ações locais estratégicas, mesmo considerando que haja um ativo processo de gestão em andamento, não provocarão, sozinhas, mudanças no regime como um todo.

Assim, simultaneamente, considerando realidades materiais e técnicas locais, interações entre os distintos níveis de ação social e os impactos de ação coletiva nas transformações sociotécnicas é que uma visão complexa se apresenta como abordagem robusta para estudos sobre transformações nos perfis técnico-institucionais em direção a novas formas de desenvolvimento rural.

De forma complementar a essa abordagem e com o intuito de focalizar o estudo nos diversos aspectos do que é caracterizado como 'vida social' do desenvolvimento rural e dos processos cognitivos nela envolvidos, a pesquisa em andamento contará também com o aporte teórico da Perspectiva Orientada ao Ator. Elaborada por Norman Long e posteriormente



desenvolvida por Jan Douwe Van der Ploeg e outros autores, essa teoria procura avaliar as vantagens e os limites analíticos no estudo de processos de formação da diversidade (emergência de processos de construção social de novos sistemas de produção em uma determinada localidade) no espaço rural.

Essas abordagens teóricas possibilitam a percepção de que a construção de alternativas por agricultores e outros atores sociais vem transformando o processo de produção agrícola e, com ele, as relações sociais e econômicas interconectadas, o que parece estar potencialmente contribuindo para transições a padrões aceitáveis de sustentabilidade no desenvolvimento. Todavia, ainda não está claro como será possível estabelecer novos arranjos de governança para as transições e como eles terão inserção em relação às instituições políticas, científicas e tecnológicas prevaletentes. Dada as ambições da gestão da transição em transformar as estruturas, não está suficientemente evidente como articular ‘outros’ atores, processos políticos e instituições, visto que a relação do nível micro com o regime prevaletente apresenta significativas desconexões de interesses e prioridades (SMITH e STIRLING, 2008).

CONTRAPONDO A FRAGMENTAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Os estudos que se referem às transições sociotécnicas constituem perspectivas em aberto, visto que representam um debate recente. Compreendendo que temáticas que englobem discussões sobre a base para a legitimação e a responsabilidade nos processos de governança da transição são caminhos complexos ainda inexplorados e que devem ser trilhados pela comunidade acadêmica, esta pesquisa busca se aprofundar nessas questões e, a partir da adoção de métodos e técnicas qualitativos, privilegiar a análise de microprocessos através do estudo das ações sociais individuais e de grupos.

A escolha metodológica deu-se principalmente devido ao fato das perspectivas teóricas adotadas na investigação combinarem um marco teórico sociológico amplo com pesquisas empíricas, sobretudo de caráter etnográfico, realizadas em países da América



Latina, América Central e Europa. Tais métodos integram caminhos voltados à compreensão do significado e a intencionalidade das falas, vivências, valores, percepções, desejos, necessidades e atitudes dos atores sociais envolvidos na pesquisa.

Com a preocupação concentrada em atribuir 'voz' aos dados da forma mais completa possível, utilizou-se as seguintes ferramentas metodológicas: observação participante, diário de campo, entrevistas conversacionais livres focalizadas, fotografias e pesquisa documental; enquanto que nas fases seguintes de trabalho a campo serão utilizadas as entrevistas semi-estruturadas. A fim de mapear relações entre os recursos linguísticos usados por atores sociais e grupos de atores sociais e aspectos da rede de práticas em que a interação discursiva se insere, pretende-se utilizar também a análise de discurso crítica como abordagem teórico-metodológica.

Nas primeiras inserções em campo, com o intuito de compreender a relação entre os diferentes elementos da vida social, enfatizando a experiência pessoal de cada indivíduo e como esta adquire um sentido nos grupos com os quais ele se relaciona, foram acompanhadas cerca de 100 famílias de agricultores em atividades cotidianas, como o trabalho nas feiras livres, os encontros e reuniões entre agricultores, as atividades nas lavouras, na produção agroindustrial, e em sua relação com diversos mediadores sociais atuantes na região.

Durante essas atividades foi utilizada a prática de observação participante, a qual consiste em um método de coleta de dados em que o observador é parte do contexto observado, selecionando fatos a serem documentados e observados, sem que sejam negligenciados procedimentos sistemáticos de pesquisa, ao mesmo tempo em que é modificado pelo contexto no qual está inserido. Esse método requereu um compartilhar consciente e sistemático da pesquisadora nos contextos pesquisados, bem como nos interesses e afetos dos indivíduos e grupos envolvidos (BABBIE, 2001). Com o auxílio dessa observação, foi possível captar valores dos indivíduos e grupos presentes nos discursos e nos múltiplos atos do cotidiano, além de identificar discrepâncias entre discursos e práticas realizados pelos atores sociais envolvidos com a problemática.

As informações obtidas através desse exercício foram registradas em um diário de campo. Anotações referentes às observações do cotidiano dos sujeitos pesquisados foram



úteis como registro de informações, como oportunidade de reflexão sobre o andamento da pesquisa e, até mesmo, para repensar os rumos da investigação (SILVA, 2009). O diário de campo não apenas vem recuperando os fatos marcantes vivenciados como também o desenvolvimento cronológico dos eventos.

As entrevistas realizadas foram as conversacionais livres focalizadas. Essas entrevistas seguiram um roteiro de tópicos relativos ao problema estudado que não obedeceu a uma estrutura formal e foram direcionadas a quarenta famílias de agricultores familiares e quinze mediadores sociais. As questões foram formuladas aos entrevistados a partir do contexto imediato em que ocorreu a entrevista. As respostas espontâneas dos entrevistados fizeram surgir questões inesperadas que se mostraram de grande utilidade no andamento do trabalho. Conforme discutido por Godoi e Mattos (2006), esse método de construção de dados foi utilizado como "evento de intercâmbio dialógico", pois promoveu, além de reformulações metodológicas capazes de enriquecer a pesquisa, a construção de novas situações de conhecimento.

Como complemento às demais ferramentas mencionadas, foram registradas imagens através de fotografias e realizadas pesquisas de documentos contemporâneos obtidos de fontes secundárias escritas como revistas, panfletos e jornais, e não escritas, como fotos e audiovisuais. Os documentos analisados eram arquivos particulares de posse dos agricultores e mediadores sociais e de instituições e organizações envolvidas com a problemática da pesquisa.

Durante as primeiras experiências em campo, observou-se que outras ferramentas metodológicas deverão complementar a investigação. Dessa maneira, pretende-se realizar também entrevistas semi-estruturadas com agricultores e mediadores sociais, combinando perguntas abertas e fechadas em um roteiro pré-determinado, proporcionando aos informantes discorrerem sobre os tópicos propostos. Tais ferramentas trarão acréscimos importantes à observação e, para facilitar as análises das entrevistas, elas serão redigidas, gravadas e transcritas podendo ainda ser úteis na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes, pois permitirão captar significados pessoais de suas atitudes e comportamentos.



Para melhor compreender os discursos proferidos, tanto nas entrevistas conversacionais livres focalizadas, quanto nas entrevistas semi-estruturadas, a análise de discurso crítica irá integrar o quadro teórico-metodológico dessa investigação. Tal abordagem será importante na investigação, visto que poderá mostrar conexões e causas que estão ocultas nas situações analisadas e favorecer formas de intervenção social para produção de mudanças que favoreçam aqueles que possam se encontrar em situação de desvantagem (RESENDE e RAMALHO, 2006). Nessa abordagem, o discurso é considerado uma forma de prática social, modo de ação sobre o mundo e a sociedade, um elemento da vida social interconectado a outros elementos (FAIRCLOUGHT, 2001). Ao mesmo tempo em que estruturas organizam a produção discursiva nas sociedades, cada enunciado novo é uma ação individual sobre tais estruturas, que pode tanto contribuir para a continuidade, quanto para a transformação de formas recorrentes de ação. Nisso consiste a dialética entre discurso e sociedade: o discurso é moldado pela estrutura social, mas concomitantemente constitutivo da estrutura social (RESENDE e RAMALHO, 2006).

Ainda de acordo com essas autoras, no enquadre de análise do discurso crítica de Lilie Chouliaraki e Norman Fairclough, toda análise parte da percepção de um problema que, comumente, baseia-se em relações de poder, na distribuição assimétrica de recursos materiais e simbólicos em práticas sociais, na naturalização de discursos particulares ou universais, dado o caráter crítico da teoria. Posteriormente, são identificados os elementos da prática social que sustentam o problema verificado e que constituem obstáculo para mudança estrutural.

Nessa etapa, há três tipos de análise que atuam conjuntamente: i) a análise da configuração de práticas das quais o discurso em análise é parte das práticas sociais relacionadas ao problema ou das quais ele decorre; ii) a análise da prática particular, com ênfase para os momentos da prática em foco no discurso, para as relações entre o discurso e os outros momentos; iii) e a análise do discurso, orientada para a estrutura do discurso em si e para a sua relação com a prática social. Após essas etapas, para além da descrição dos conflitos de poder em que a instância discursiva se envolve, deve-se também avaliar sua função nas práticas discursiva e social. Como etapa conclusiva sugere-se a identificação dos



possíveis modos de ultrapassar os obstáculos, explorando as possibilidades de mudança e superação dos problemas identificados, por meio das contradições das conjunturas.

Em uma primeira aproximação dessa abordagem teórico-metodológica com a pesquisa em questão, destaca-se que, partindo da problemática de que durante significativo tempo a lógica da intensificação da produtividade a qualquer custo foi vista como referência daquilo que era ‘convencional’ e que processos de mudanças tecnológicas e adaptações produtivas, devido à questão ambiental, tornaram-se problemas cada vez mais complexos, as dificuldades de acesso a mercados e as burocracias na formalização de organizações sociais que os agricultores familiares enfrentam, bem como as necessidades de adaptações de políticas públicas destinadas ao público específico da agricultura familiar, são identificados como elementos da prática social que sustentam o problema verificado. Com base nas pesquisas realizadas até o momento, acredita-se que os conflitos de poder nos quais a instância discursiva está presente na problemática referem-se a apropriação de determinados discursos e práticas sociais por apenas alguns grupos de agricultores, enquanto que os segmentos mais empobrecidos da agricultura familiar são inviabilizados de participarem nos processos de desenvolvimento rural mais sustentáveis.

Entretanto, quanto à identificação de possibilidades de mudança e superação dos problemas identificados, as pesquisas preliminares indicam que, mesmo com limitações, transformações no modo de enxergar e praticar a agricultura estão sendo realizadas por grupos de agricultores familiares e mediadores sociais no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Com isso, uma nova dinâmica de desenvolvimento rural vem se desencadeando, tendo como elemento de base a busca da desconstrução do ‘convencional’ na medida em que inter-relaciona distintos atores sociais na construção de redes de cooperação, que articulam processos de aprendizagem coletiva, otimização no uso de recursos sociais e naturais, ampliação das relações sociais e da capacidade organizativa nessa região.



MUITAS PERCEPÇÕES, ALGUNS RESULTADOS PRELIMINARES

Utilizando-se os métodos e abordagens teóricas apresentadas anteriormente para a construção e a análise de dados, a pesquisa indica que agricultores familiares do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, direcionados pelos ideais de uma agricultura mais sustentável e apoiados por projetos de assistência técnica e políticas públicas, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar^f e o Programa de Aquisição de Alimentos^g, vêm executando 'práticas desviantes'. Tais práticas representam formas inovadoras de organização e combinação de recursos e, ao mesmo tempo em que resgatam antigos costumes e tradições dos processos agrícolas, inovam na articulação entre atores, em sua relação com os mercados e mesmo na criação de novas organizações. Isso retroalimenta a ideia de que a criação de vínculos entre esses agricultores familiares e organizações da agricultura familiar se estabelece para além da obtenção de melhoria de renda. Ela se constrói baseada em princípios de proximidade e reciprocidade entre os agricultores familiares, resgatando, com isso, a localidade.

Neste caso, agricultores espalhados pela região, oriundos de diferentes etnias, descendentes de açorianos, portugueses, africanos, alemães, italianos, poloneses e japoneses, embora mantenham distintos costumes e tradições, se reúnem em função das proximidades de objetivos e ideais em organizações comuns. Dessa forma, o vínculo, que seria puramente econômico, traz consigo uma diversidade de conhecimentos e culturas, técnicas e práticas, assim como valores que geralmente são desenvolvidos e direcionados por determinados costumes.

^f Esse Programa é gerenciado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e visa à transferência, em caráter suplementar, de recursos financeiros aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios destinados a suprir, parcialmente, as necessidades nutricionais dos alunos. O Programa segue a Lei nº 11.947/2009 que determina a utilização de, no mínimo, 30% dos recursos repassados pelo FNDE para alimentação escolar, na compra de produtos da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando os assentamentos de reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas (FNDE, 2011).

^g Este Programa tem como finalidade incentivar a agricultura familiar, compreendendo ações vinculadas à distribuição de produtos agropecuários para pessoas em situação de insegurança alimentar e à formação de estoques estratégicos, sendo constituído por instrumentos que permitem a estruturação e o desenvolvimento da agricultura familiar (FNDE, 2011). No PAA parte dos alimentos é adquirida pelo governo diretamente dos agricultores familiares, assentados da reforma agrária, comunidades indígenas e demais povos e comunidades tradicionais, para a formação de estoques estratégicos e distribuição à população em maior vulnerabilidade social.



Essas diversas relações entre esses agricultores também são facilitadas pelo fato deles possuírem vínculos com mais de uma organização, que envolvem diferentes atores sociais. Foi possível verificar, com auxílio das abordagens teórico-metodológicas utilizadas, que essas múltiplas ligações constituem estratégias coletivas na busca por autonomia. Os vínculos criados para dar forma a esse processo de participação em vários tipos e níveis de organizações colocam os agricultores em contato com outras associações e cooperativas, fazendo com que as inter-relações sejam cíclicas e frequentes.

Essa dinâmica, que amplia horizontes vem na contramão do processo modernizante da agricultura e possibilita a uma parcela dos agricultores familiares que vivem nos municípios analisados, em conjunto com mediadores sociais de diferentes instituições atuantes nessa região, reagir criativamente aos desafios aos quais se deparam e construir, sobretudo coletivamente, uma novidade: as redes de cooperação, as quais se referem a um conjunto de processos organizativos ligados à agricultura familiar, colocados em marcha por agricultores individuais e organizados coletivamente em cooperativas, agroindústrias familiares, associações, grupos informais, Organizações Não-Governamentais (ONG's), instituições que trabalham com assistência técnica e extensão rural e instituições de pesquisa.

Essas redes, que foram criadas a partir da necessidade de melhoria de condições de inserção socioeconômica dos agricultores familiares nos mercados, atualmente estão propiciando nessa região a otimização no uso de recursos sociais e naturais, a ampliação da capacidade organizativa, bem como o estabelecimento de vínculos, fundamentalmente geradores de fluxos de conhecimento, informação e aprendizagem, que promovem a transposição das fronteiras das unidades de produção e da ação individual dos agricultores e de outros atores envolvidos.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Por trás das escolhas teórico-metodológicas do pesquisador situa-se sua visão de mundo, sua ideologia, crenças que fornecerão substrato para seu olhar voltado à forma com



que a sociedade se mantém, ou, à possibilidade, e mais ainda, à necessidade de uma transformação. A escolha de seguir pelos caminhos de postura epistemológica como a da interdisciplinaridade tem como consequência o avanço das diversas formas de interpretar as realidades que nos rodeiam, através do reconhecimento de que a sociedade é uma estrutura que se movimenta mediante a força da ação social individual e coletiva, de maneira complexa.

Nesta pesquisa, a opção por olhar a realidade através de 'lentes' capazes de respeitar a multidimensionalidade da problemática, a riqueza das relações sociais, o mistério do real com suas conexões e causas ocultas aos olhos do pesquisador, e de considerar que as determinações socioculturais, históricas, econômicas que são intrínsecas a todo o pensamento, codeterminam sempre o objeto de conhecimento e estão possibilitando compreender que as iniciativas, amplamente relacionadas com o compartilhamento de conhecimentos, especificidades locais, heterogeneidade e dinamismo da ação social, postas em marcha por alguns atores sociais na região analisada parecem indicar uma alteração nas trajetórias locais de desenvolvimento no Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

Esse olhar, orientado pela interpretação da necessidade de uma transformação significativa nas realidades constituídas por desigualdades socioeconômicas que assolam o País, em especial o espaço rural, vem identificando que esse grupo de atores sociais, através de constantes transposições de fronteiras rumo a processos mais sustentáveis de agricultura, compartilham experiências, avançam na articulação de conhecimentos e fazem germinar redes de cooperação, tão caras aos processos de desenvolvimento rural que se distanciam do padrão 'modernizante'.

REFERÊNCIAS

AGAZZI, E. Racionalidad teórica y racionalidad práctica. In: **El bien, El mal y La Ciencia**. Madrid: tecnos, 1996, pp. 201-227.

BABBIE, E. A ciência e as ciências sociais. In: **Métodos de Pesquisas em Survey**. Belo Horizonte-MG: Editora UFMG. 2001 (2003).



COSTA, D. C. C.; TAINO, A. M. R. A perspectiva da interdisciplinaridade brasileira na efetivação do professor-pesquisador na educação básica. In: **Revista Ciências Humanas**: Universidade de Taubaté (UNITAU). Brasil – Vol. 4, N. 1, 2011.

FAIRCLOUGHT, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Programa Nacional de Alimentação Escolar**: Conceito. Disponível em: <<http://www.fnnde.gov.br/index.php/programas-alimentacao-escolar>>. Acesso em: 18 de outubro de 2011.

GEELS, F. W.; SCHOT, J. Typology of sociotechnical transition pathways. **Research Policy**, n. 36, p. 399-417, 2007.

GIDDENS, A. **The constitution of society**: outline of the theory of structuration. Cambridge, Polity Press. 1984.

GODOI, C. K., MATTOS, P. L. C. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico (p. 301-323). In: GODOI, C. K. *et al* (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

KEMP, R.; SCHOT, J.; HOOGMA, R. Regime shifts to sustainability through processes of niche formation: the approach of Strategic Niche Management. **Technology Analysis & Strategic Management**, v. 10, n. 2, p. 175 – 196, 1998.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LATOUR, B., **Science in Action**. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

LONG, N.; PLOEG, J. D. van der. Demythologizing planned intervention: an actor perspective. **Sociologia Ruralis**, v.29, n.3/4, 1989.

LONG, N. **Development sociology**: actor perspectives. London and New York: Routledge, 2001. 293 p.

MINAYO, M. C. S. Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Complexidade. In: **Revista Emancipação, Universidade Estadual de Ponta Grossa**. Ponta Grossa, (10) 2, 2010, pp. 435–442.

MORIN, E. Epistemologia da Complexidade. In: SCHNITMAN, D.F. (org.) **Novos Paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, pp. 274-289.



MOORS, E.; RIP, A.; WISKERKE, J. The dynamics of innovation: a multilevel coevolutionary perspective. In: Wiskerke, J. S. C.; Ploeg, J. D. van der. **Seeds of Transition**. Assen: Royal van Gorcum, 2004. p. 31-56.

PHILIPPI JR., A. (Org.). **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus, 2000.

PLOEG, J. D. *et al.* On regimes, novelties, niches and co-production. In: WISKERKE, J. S. C.; PLOEG, J. D. (Ed.). **Seeds of transition: essays on novelty production, niches and regimes in agriculture**. Assen: Royal van Gorcum, 2004. p. 1-30.

POMBO, O. A interdisciplinaridade como problema epistemológico e exigência curricular. **Revista Inovação**. CFCUL. V.6, n.2, 1993. Disponível em: <
<http://cfcul.fc.ul.pt/biblioteca/online/pdf/olgapombo/interdisciplinaridadeproblema.pdf>>. Acesso em 24 jul. 2014.

POMBO, O. Epistemologia da Interdisciplinaridade. Conferencia proferida no Colóquio "**Interdisciplinaridade, Humanismo e Universidade**", promovido pela Cátedra Humanismo Latino. Porto, 2007. Disponível em:<
http://www.uesc.br/cpa/artigos/epistemologia_interdisciplinaridade.pdf>. Acesso em 23 jul.2014.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, H. R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

SMITH, A.; STIRLING, A. **Social-ecological resilience and sociotechnical transitions: critical issues for sustainability governance**. Brighton: STEPS Centre, 2008.